

Teoria do Medalhão: uma encruzilhada semiótica

Vera Casa Nova

Resumo

Leitura de alguns aspectos do discurso de Machado de Assis no Conto "Teoria do Medalhão". Análise de seu mecanismo retórico e ideológico, destacando o encruzilhado em que se encontra o autor no final do século XIX.

Resumé

Une "lecture" de quelques aspects du discours de Machado de Assis dans le conte "Teoria do Medalhão" Analyse du mécanisme rhétorique et idéologique en attirant l'attention sur le correfour où se rencontrait l'auteur à la fin du XIXe siècle.

Uma encruzilhada, lugar onde se cruzam caminhos, sentidos, lugar histórico de Machado de Assis, dos meados ao fim do século XIX. Por que Teoria do medalhão? porque neste texto Machado parece, com seu olhar medusiano, olhar de quem vê o avesso das coisas e dos seres questionar a servidão dos signos

Lembro Barthes, na Aula quando diz

os signos só existem na medida em que são reconhecidos isto é, na medida em que se repetem, em cada signo dorme este monstro um estereótipo

É com um estereótipo que M.A. vai trabalhar. No conto, o pai ensina ao filho a servidão dos signos. Explico: ele ensina um texto a ser re-citado, elabora o lugar comum da fala, a partir de uma teoria - a teoria do medalhão, outro nome para a pedagogia da retórica do poder/saber.

Machado percebe que a língua consiste numa imensa rede de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios. Maquiavelicamente urde as duas faces do medalhão. Para ficar mais explícito o jogo que Machado engendra neste texto, preferi recortar o conto. Nesse recorte deparei com o núcleo ideológico machadiano de crítica ao idealismo, à metafísica, especificamente aqui, à metafísica política. Através da pedagogia, da retórica, o autor parece apontar, direcionar essa crítica.

Ao invés de analisar o conto, lexia por lexia, preferi selecionar algumas e direcioná-las para aquilo que chamo de "encruzilhada semiótica".

1o. Lendo o título: Teoria do medalhão

Chamando a atenção para um tema bastante pertinente ao conjunto de seus textos, Machado investe mais uma vez na crítica da retórica vazia, no pomadismo, no medalhão, que de certa forma funcionam como traços pertinentes do discurso político existente no fim do II Império.

Anunciando o que será uma teoria, M.A. explicita, por outro lado, uma grande metáfora da expressão em público e faz de seu discurso uma brilhante sátira do discurso político daqueles dias, direcionada pela representação política que o pai constrói no imaginário do filho.

Teoria é contemplação (gr. *theoria*), um conjunto sistemático de idéias, uma descrição, aqui uma construção retórica. A teoria do pai do Janjão tenta explicar o fenômeno político existente no Brasil do II Império, através de um sistema retórico que apresenta uma teoria (implícita, é claro) da linguagem política, justificando os fenômenos do universo político através de um conjunto de prescrições que orientam a ação do filho para o sucesso. Percebe-se nesta trajetória de teoria do medalhão (também) uma reflexão crítica sobre o discurso político, uma teoria no viés do caricatural.

O medalhão, apesar do aumentativo evoca a miniaturização. Retrato ou pessoa esculpida pintado em miniatura, desenhada ou gravada numa moldura circular ou oval, jóia contendo um retrato,

baixo relevo representando uma efígie. A efígie é uma representação de pessoa, representação grosseira, ou ainda uma representação do rosto de uma pessoa sobre uma moeda, uma medalha.

Note-se como os sentidos começam, a partir do título, a se enredar. Convém antes salientar alguns pontos para dar prosseguimento: primeiramente a efígie, a representação; a seguir, a moeda. Porque daqui para frente trabalharemos dentro da perspectiva da representação teatral/política fazendo circular, simbolicamente, o aspecto econômico existente aí. Para compreender melhor o que chamo de representação teatral/política vamos à retórica que o Pai de Janjão ensina, baseada, me parece num imaginário de vida pública na qual as pessoas se comportam e controlam seu comportamento somente por meio de estereótipos, no jogo do ser e do parecer que já no conto "O Espelho" aparece contundentemente. "As aparências são máscaras, e o homem por detrás da máscara tem a ilusão de uma personalidade separada e estável, mas está, de fato, prisioneiro dessas aparições momentâneas".

No teatro há uma correlação entre a crença na persona do ator e a crença em convenções. A peça, a representação e o desempenho exigem crença para serem expressivos. A teatralidade, no entanto, que M.A. faz aparecer no discurso do Pai nega a individualidade, a identidade ou qualquer crença, até mesmo no filho, visto como "inópia mental".

Forja-se retoricamente a aparência, exige-se platéia para esta teatralidade vazia; na geografia pública o futuro ator político (Janjão) deverá atrair a atenção pública através de um estilo de representação pública (um estilo) de comportamento político diante de pequenas ou grandes platéias. O teatro da política. Também o "theatrum mundi" onde homens como atores e sociedade como palco reiteram a tradição platônica.

Retórica da reificação, no que reificação implica a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas; seres que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. Alienação, idealismo grosseiro, fetichismo.

Mas isso não se perde nas relações que traço - como surgiu a retórica? Como metalinguagem, nasceu do processo de propriedade, quando a eloquência defendia os bens. Segundo Barthes, foi no nível do conflito social que nasceu o primeiro esboço teórico da palavra dissimulada.

A retórica, o discurso, cujo objeto é a verossimilhança e a ilusão é a dos sofistas, de Górgias, das escolas; a retórica dos Platônicos tem por objeto a verdade, ou melhor, o sentido.

No conto, a retórica do pai de Janjão está próxima daquela que ensina as bajulações, as astúcias servis, as falsificações, passa pela persuasão que Aristóteles indica, e se fixa no nível do público, isto é, no bom-senso comum, na opinião corrente, na Doxa. A retórica do mesmo, submissa à psicologia do público, retórica do liberalismo, contrada nas classes médias ou em ascensão, reduzindo conflitos de classe.

A máscara política, assim, se constrói pela retórica da reificação.

Vamos a algumas lexias:

1o - Papai...

- Não te ponhas com dengulces, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes...

O filho vira amigo na conversa, mas só para cortar superficialmente a relação Pai-filho. Nega-se assim a cena psíquica em detrimento do indivíduo no palco do mundo público. Ou ainda, o pai sujeita o filho ao seu discurso, o filho, aqui, não fala, é um in-fans, como diria Lacan, não se constitui sujeito em nenhum momento do conto, porque o pai o barra, já que o que conta aqui é o desejo do pai.

2o - o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria... isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante

- Sim senhor - o filho diz Aqui, a presença do pai/mestre é um elemento de entrada na ordem do simbólico/cultura aquele que ensina o filho o saber, a cultura política

A vida é um jogo mas para ganhar é preciso acertar as regras do jogo, ou seja, aceitar a Lei, a Ordem Sem transgressão

3o. - O ofício de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo, como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti.

O filho, Janjão, hipocorístico de João, bíblicamente testemunha do pai, e seu precursor, restaura ou reproduz a posição, o desejo do pai - ser medalhão - faltou ao pai o saber que agora tenta fazer o filho reproduzir. O filho não interroga, não questiona o Pai, acolhe, parecendo identificar-se narcisicamente com ele.

- O corpo-medalhão

4o. - O sábio que disse: a gravidade é um mistério do corpo definiu a compostura do medalhão.

Dois significantes nesta lexia nos apontam para o jogo das aparências: a gravidade do corpo, a sisudez, a austeridade, a profundidade - o ar de seriedade; a compostura: composição, falsificação, imitação.

Gravidade, o termo da Física se adapta aqui como atração do campo gravitacional da terra, atração dos corpos. Relaciona-se à platéia, ao público, à persuasão, à sedução.

A compostura é o equilíbrio do corpo, segundo o modelo burguês. É mais um ensinamento de retórica do corpo medalhão, do corpo efígie, da pose. Corpo que fala através dos signos.

5o. - Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente.

Estimulando o filho à prática de não ter idéias próprias, o Pai enseja a castração do filho ao dizer-lhe:

Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado de perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício.

Condenado à carência, à falta de idéias, o filho terá que somente reproduzir as idéias prontas do Pai. Um detalhe - o nome de Janjão. Em seu nome se cifram e condensam fios com que o

texto tece e projeta esse personagem - Janjão lido da direita para a esquerda ou vice-versa, é a mesma coisa.

Repetição do código, da Lei. O Pai ensina a ser medalhão, o mesmo que sempre aponta para um vazio, a retórica vazia, o significativo vazio. O poder é o objeto de desejo do Pai.

6o. - O jogo do medalhão

- O bilhar é excelente... Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco.

Entra em jogo aqui um significante que ajuda a compor o processo de significação deste texto - a opinião/a opinião pública. Ter idéias, opiniões que sejam similares aos da platéia. O mesmo a partir da aparência. Repetição, reprodução. Espelhos - onde o imaginário e o simbólico do corpo se reúnem ao real da linguagem - a retórica do discurso.

Machado critica o método de usar aparências como indícios para a história, para o caráter ou para a predisposição moral. O importante é o palco, lugar em que o ator domina a platéia. Os espectadores precisam ver no ator público certos traços de sua personalidade ou mesmo opiniões. Fantasiosamente investem nele aquilo que na realidade poderia lhe faltar.

O ator político, o ator público da teoria do medalhão é forjado no palco da sociedade - O imaginário social constrói a imago, a partir dos desejos. Esse imaginário do "theatrum mundi" que M. de Assis mostra é expressão da sociedade política brasileira no fim dos anos oitocentos em que a ineficiência do liberalismo doutrinário se tornava evidente e as formas de autoritarismo começavam a despontar. O significado da expressão é o significado da identidade pública.

A opinião pública, o espaço público que M.A. aqui não chega a delinear, mas que pela lexia seguinte deixa entrever.

7o. - andar sempre acompanhado, falar do boato do dia, da anedota da semana, de uma calúnia, de um cometa... e mais adiante

8o. - a publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas...

Trata-se de uma opinião pública encenada, jogo de efeitos. Opinião modelada pela aparência. Os benefícios da publicidade que o Pai coloca para o filho é mais uma forma de "personalidade" individual triunfando sobre as classes.

A retórica, a política de salão tocava o público, grande ou pequeno. Sobretudo a retórica fazia impor à platéia a aparência que fascinava. Questão de código que a cultura burguesa européia e brasileira faziam desenvolver sob o nome de cultura pública cuja visão da vida social como vida estética dirigia o imaginário das gentes.

A ilusão, o engodo, constituintes da retórica publicitária, juntamente com a venda da imagem fazem a urdidura do corpo político. Veiculando um saber, uma cultura, o conto de M. explicita formas discursivas existentes, sobretudo, com relação à retórica portuguesa. Diz Faoro:

"Havia a política dos princípios, das idéias e dos programas, recheadas de citações francesas e inglesas, em dia - considerado embora o atraso normal dos transportes interoceânicos - com as últimas novidades européias ... O xadrez intelectual complicava-se com a pesada carga de retórica que o turbava, retórica herdada da literatura portuguesa, seus oradores e escritores clássicos".

9o. - Ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos.

Manuais escolares redigidos por jesuitas, tratados de retórica que até 1830 eram lidos na Europa e que por aqui chegavam. Compêndios que em geral apresentavam uma retórica paradigmática. (as "figuras", os "ornamentos") e uma retórica sintagmática (a construção oratória).

10o. - Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir.

Sua matéria é a doutrina, o debate de idéias abstratas superiores à torpe realidade. "É uma combinação de idealismo e palavras muito preocupadas com a punição moral, que ferira os heréticos".

Concentrada na idéia de progresso material, a metafísica política beirava a ciência do transcendente, a política do idealismo. Mais uma vez Retórica e Metafísica andam de mãos dadas no sentido do pensamento, da idealidade, da Verdade e do Sentido, ou ainda sempre em busca do significado transcendental.

O signo medalhão traz assim a marca da metafísica. Emblema de uma época, o medalhão se fecha dentro do seu próprio discurso, enquanto representação.

É por aí que M.A. rompe com a literatura tradicional realista do século XIX ao desconstruir o postulado da mimesis, da representação, através da ironia na construção da teoria do medalhão. Medalhão, moeda. Uma face, outra face. Face do significante, elementos retóricos, jogo das aparências, representação, outra face, o liso onde não há significado - o significado é vazio; vazia é a retórica; não há idéias; elas são coisas de intelectual - Ser/Parecer, jogo lotérico, quem quiser que descubra na rede de significantes a desconstrução da metafísica, que aqui Machado chama de política.

O discurso político, sob a forma de aula de retórica, se identifica com o idealismo, uma das formas da metafísica ocidental; a mimese é julgada pela platéia - presente em nome do sucesso daquele que pretende ser medalhão.

Enquanto cópia-ícone o discurso do Pai se modela sobre a idéia do medalhão, pretendendo que o filho imite, reproduza suas assertivas. Ao mesmo tempo é sua negação marcada pelo olhar irônico de Machado. Subverte ao apontar na relação pai-filho/sociedade-indivíduo o sentido monológico das formas discursivas sociais e individuais.

Existe uma escuta político-ideológica em M.A. Não transgredir a Lei, a Ordem é a máxima moral e ética da teoria do medalhão. Não há espaço para as idéias novas, para os deslocamentos, o não estabelecimento, o não-prescrito.

É através do discurso do Pai de Janjão que M.A. instaura a sua imagem crítica do sujeito social e individual enquanto corpo retórico vazio. M.A. nega, assim, um sujeito instituído pela sociedade.

Nesse espetáculo imaginário criado por ele joga com os signos que vê - por exemplo o ensino, uma retórica do saber/poder, valores que na bolsa da época estavam em alta,

valores que transmitidos de geração a geração circulam e não produzem sentidos novos, pois o novo (Janjão, p. ex.) repetiria modelos assumidos pela opinião pública.

O olhar de M.A. é perverso, aponta para a desconstrução dessa rede de signos - diria Barthes "momento histórico de maior gozo". Pelo distanciamento da ironia, M.A. lança um olhar sobre o estereótipo do medalhão do século XIX. Sob o signo do medalhão, a ideologia é veiculada; a inconsciência do medalhão é perpetuada no jogo dos espelhos, que a opinião pública, o consenso pequeno-burguês da época tecem no discurso social.

Ocupando seu devido lugar, ora pai, ora mestre - mas Pai - o pai de Janjão propõe como objetivo de seu ensino ao filho o sucesso, esse grande fantasma que move o desejo de arrivistas e carreiristas, e através da linguagem, da sua retórica que o objetivo poderá ser alcançado. Porque M.A. parece intuir o que cientistas da linguagem ou semiólogos diriam mais tarde, que é a linguagem que instala o poder. Machado reconhece na retórica "o objeto em que se inscreve o poder desde toda a eternidade humana" e que, nas malhas e manhas da linguagem, as estratégias do desejo de poder se engendram.

Setembro / 1990

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 15.
2. SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p.201.
3. BARTHES, R. A Retórica antiga. IN: BARTHES et al. *Pesquisas de retórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p.151.
4. FAORO, R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988. p. 166.
5. Idem, p. 174.